

O MEME COMO LINGUAGEM DA INTELIGÊNCIA COLETIVA

Sergio Mari Jr.¹

Vanessa Silva Michelan²

RESUMO

Meme é um formato de comunicação comum na *world wide web* que combina texto e imagem em mensagens curtas e quase sempre em tom de humor. Entre suas características está a capacidade de se propagar muito rapidamente. Este artigo busca compreender a origem da expressão *meme* e o modo como ela é empregada para denominar esse fenômeno na *world wide web*. Com base em uma revisão bibliográfica, caracteriza essa expressão como um recurso de linguagem baseado na simplificação e na abstração de sentidos, e investiga seu papel como demarcador de conhecimentos já incorporados pela inteligência coletiva. Por fim, propõe uma abordagem de cinco etapas comumente identificáveis na construção de um *meme* na *world wide web*, que é demonstrada a partir do estudo de caso do *meme* “É uma cilada, Bino!”.

PALAVRAS-CHAVE

Meme. Mídias sociais. Inteligência coletiva. Linguagem.

1 INTRODUÇÃO

Memes são um formato de comunicação que chama a atenção nas redes sociais na *world wide web* principalmente por sua capacidade de se propagar muito rapidamente. São mensagens curtas, construídas a partir de recortes de textos e imagens, quase sempre em tom de humor, mas que podem conter importantes significados e serem bastante úteis para os membros de uma comunidade *online*.

¹ Mestre em Comunicação pela Universidade Estadual de Londrina. Professor no curso de Publicidade e Propaganda da Faculdade Pitágoras de Londrina. E-mail: sergio@cedilha.com.br.

² Mestre em Genética e Biologia Molecular pela Universidade Estadual de Londrina. E-mail: vanessamichelan@gmail.com.

A expressão *meme* tem sua origem no campo da biologia e teve seu sentido emprestado para denominar esse fenômeno da *world wide web*. Na internet, *memes* são signos retirados de seu contexto original e que passam a ser repetidos exaustivamente na composição de novas mensagens, nos mais diversos contextos e com os mais variados sentidos. Quando um signo é isolado de sua mensagem inicial e passa a ser utilizado como um *meme* na *world wide web*, ele age como uma evidência concreta de que um determinado conhecimento ou uma determinada informação cultural foi, em algum nível, assimilada por um determinado grupo de usuários. Tal signo passa a ser posto no lugar de uma argumentação mais elaborada ou complexa a respeito do conhecimento ou informação cultural que ele passa a representar, como um atalho. Este estudo tem como objetivo compreender os *memes* na *world wide web* como um recurso de linguagem capaz de estabelecer marcadores ou indicadores de conhecimentos que já foram incorporados à inteligência coletiva.

Desde que as redes sociais na internet começaram a se popularizar, em meados da década de 2000, foi possível perceber seu potencial de fazer com que certas mensagens atingissem um número gigantesco de usuários por meio da chamada propagação viral ou viralização. Ao se deparar com (ou criar) uma mensagem que julgue interessante, um usuário pode optar por passá-la adiante. Com as redes sociais e a internet ele ganhou ferramentas para potencializar esse processo de modo que, com poucos cliques, possa encaminhar tal mensagem para todos os seus contatos de uma só vez. As pessoas que receberem essa mensagem encaminhada pelo primeiro usuário podem optar por fazer o mesmo, repassando-a com poucos cliques para seus próprios contatos, fazendo com que o número de pessoas impactadas por ela aumente exponencialmente em cada decisão de compartilhamento.

Este artigo parte do pressuposto de que o *meme* na *world wide web* surge a partir de uma mensagem que tenha viralizado. Entende que, a partir desse fenômeno de gigantesca distribuição de uma mesma mensagem, alguns elementos de linguagem e significação que a compõe podem ser dela retirados e utilizados para a composição de novas mensagens, com outros significados e novos sentidos.

Para compreender esse fenômeno, realiza uma revisão bibliográfica que tem três objetivos. O primeiro deles é resgatar a origem da expressão *meme*, advinda do campo da biologia e da genética. O segundo objetivo é caracterizar esse fenômeno como um recurso de linguagem que consiste em isolar um signo marcante de uma mensagem, estabelecer um salto

de abstração para o significado deste signo e, em seguida, replicá-lo na criação de novas mensagens nos mais variados contextos. O terceiro objetivo é entender o papel do *meme* na consolidação da inteligência coletiva, funcionando como um tipo de demarcador de conhecimentos já apreendidos por uma determinada rede de usuários.

Por fim, faz a proposição de uma abordagem em cinco etapas para a análise do processo de construção de um *meme* na *world wide web*. Entende-se que este fenômeno muitas vezes se dá de modo imprevisível e incontrolável, e que nem sempre se manifesta da mesma maneira, porém, como é destacado na revisão bibliográfica, o *meme* é um recurso de linguagem bem delimitado, sendo assim possível estabelecer um modelo de análise para os processos que levam à sua criação e sua relação com a inteligência coletiva.

As cinco etapas do processo de geração de um *meme* na *world wide web* propostas aqui como um modelo de análise são: 1) a identificação de um problema coletivo; 2) a busca de uma solução possível para o problema; 3) a escolha de uma mensagem popular que possa ser utilizada para a comunicação da solução do problema; 4) a sintetização do *meme*, a partir de signos retirados da mensagem original e 5) a replicação do *meme* e sua eventual viralização. Para exemplificar a aplicação deste modelo de análise, o artigo desenvolve um estudo de caso do *meme* “É uma cilada, Bino!”, em que se identificam essas cinco etapas.

2 O QUE É MEME

A própria utilização da expressão “*meme*” para rotular certos tipos de mensagens que circulam pela *world wide web*, é um *meme*. Isso porque tal expressão foi cunhada em outro contexto e o que fazemos na internet é selecionar uma parte do seu sentido, abstrai-lo do seu uso inicial e empregá-lo indistintamente para nomear um novo fenômeno.

A expressão “*meme*” foi cunhada pelo biólogo britânico Richard Dawkins, na parte final de seu livro *O Gene Egoísta*, publicado pela primeira vez em 1976. Neste livro, Dawkins apresenta sua ideia sobre a evolução biológica que, para ele, ocorre na perspectiva dos *genes* (termo criado em 1909 pelo botânico e geneticista dinamarquês Wilhelm Ludvig Johannsen), e não das populações e espécies, como propusera Charles Darwin e diversos outros evolucionistas. Para Dawkins, o *gene* corresponde a um tipo de “lei geral”, que se aplica a qualquer forma de vida. É ele a entidade replicadora, que garante a continuidade da vida e a

adaptação dos seres no processo evolutivo. É o *gene* quem evolui primeiro para depois produzir novos organismos.

... continuará a existir algum princípio geral que seja verdadeiro em relação à vida como um todo? Obviamente eu não sei, entretanto, se tivesse que apostar, arriscaria meu dinheiro num princípio fundamental. Trata-se da lei segundo a qual toda a vida evolui pela sobrevivência diferencial das entidades replicadoras. O gene, a molécula de DNA, é por acaso a entidade replicadora mais comum em nosso planeta. Pode ser que existam outras. Se existirem, desde que algumas condições sejam satisfeitas, elas tenderão, quase inevitavelmente, a tornar-se a base de um processo evolutivo. (DAWKINS, 2007, p.329)

A evolução das espécies pela seleção natural como proposta por Darwin pressupõe que os indivíduos mais adaptados de uma determinada espécie sejam capazes de gerar descendentes mais facilmente e com maior frequência que aqueles menos adaptados, e assim suas características vão aos poucos se disseminando por todos os novos indivíduos da espécie. O ambiente é tido como uma arena onde, de acordo com Darwin, os indivíduos competem por sua sobrevivência até que os mais adaptados sejam naturalmente selecionados.

Metaforicamente pode-se dizer que a seleção natural procura a cada momento, em todo lugar, as mais tênues variações, rejeitando as nocivas, conservando e ampliando todas as que forem úteis, trabalhando silenciosamente e imperceptivelmente, quando e onde quer que se ofereça oportunidade, pelo aperfeiçoamento de cada ser vivo com relação a suas condições de vida orgânicas e inorgânicas. Nada pudemos observar destas mudanças lentas e progressivas até que a mão do tempo marcou o curso das eras; e mesmo assim tão imperfeita é nossa visão das remotas idades geológicas, que só conseguimos ver que as formas orgânicas são agora diferentes do que foram em outras eras. (DARWIN, 2009. p.81)

Já para Dawkins, a competição não se dá ao nível dos indivíduos, mas sim ao nível dos *genes*, que competem para serem transmitidos às novas gerações, sendo que os mais adaptados sairiam vencedores dessa disputa. Ele ainda propõe a extrapolação do papel de replicação de informação evolutiva para além do *gene*. Segundo ele, “para compreender a evolução do homem moderno, devemos começar por abandonar a ideia do *gene* como a única base das nossas ideias a respeito da evolução.” (DAWKINS, 2007, p.328). O *gene*, então, embora seja a “entidade replicadora mais comum em nosso planeta”, seria insuficiente para dar conta de toda a complexidade da evolução humana, compreendida a partir da teoria

evolutiva darwinista e da teoria evolutiva moderna³ e, por isso, faz-se necessário pensar em novas possibilidades de replicação, principalmente para que seja possível acrescentar a questão cultural na perspectiva evolutiva.

Na parte final de sua obra a esse respeito, Dawkins passa a refletir sobre um aspecto que seria tão relevante para a evolução humana quanto a transmissão genética: a transmissão cultural. “A maior parte daquilo que o homem tem de pouco usual pode ser resumida numa palavra: ‘cultura’. A transmissão cultural é análoga à transmissão genética, no sentido de que, apesar de ser essencialmente conservadora, pode dar origem a uma forma de evolução” (DAWKINS, 2007, p.325).

O autor, então, propõe a existência de um novo meio de replicação agindo sobre o processo evolutivo, que fosse capaz de dar conta da transmissão cultural. Inicialmente, propõe que, se por um lado a evolução genética pode ocorrer pela adaptação, a evolução cultural se daria pela imitação. Quanto mais conveniente for uma informação cultural, maior interesse haverá sobre ela e mais imitada ela será, garantindo assim a sua transmissão para um número maior de indivíduos.

Ao especular sobre a necessidade de dar um nome para esse novo mecanismo, Dawkins chega à palavra grega *mimeme*. Mas, como queria que tal conceito fosse colocado lado a lado com o conceito de *gene*, achou melhor abreviar a palavra para *meme*. Assim teríamos o *gene* e o *meme* como mecanismos de evolução humana, sendo o *gene* responsável por transmitir a “adaptação” e o *meme* responsável por transmitir a “imitação”.

Essas duas expressões, *gene* e *meme*, são, portanto, uma promissora aproximação entre os campos das ciências biológicas e das ciências humanas. Uma aproximação muito mais profícua do que aquelas previstas em distopias como a de Adous Huxley em *Admirável Mundo Novo*. Uma aproximação mais produtiva e otimista do que anúncios amedrontadores parecidos com esse, feito por Pierre Lévy:

Os avanços da biologia e da medicina nos incitam a uma reinvenção de nossa relação com o corpo, com a reprodução, com a doença e com a morte. Tendemos progressivamente, talvez sem sabê-lo, e com certeza sem dizê-lo, a uma seleção artificial do humano transformado em instrumento pela genética. (LÉVY, 2007, p.17)

³ A teoria evolutiva moderna é uma síntese entre a teoria evolutiva de Darwin e a base genética da evolução, incluindo os conhecimentos sobre genes, herança genética e genética de populações.

A ideia de que a evolução da espécie humana se dá simultaneamente nos campos da biologia e da cultura e que essas duas esferas podem dialogar em um mecanismo comum de competição e seleção, abre as portas para a compreensão de uma diversidade de fenômenos modernos que se complexificam na mesma velocidade em que as tecnologias da comunicação se desenvolvem. “Os computadores onde os *memes* habitam são os cérebros humanos” (DAWKINS, 2007, p.337) e quanto mais meios possuímos para nos comunicar das mais diversas formas, mais ampliamos a arena onde os *memes* surgem e competem para se propagar.

3 O MEME COMO LINGUAGEM

A internet e as mídias digitais são um ambiente fecundo para o surgimento de novos meios de comunicação, que se tornam cada vez mais importantes e determinantes dos nossos modos de interação social, e também para a expressão e transformação da linguagem. Os novos meios criados pela tecnologia digital permitem o surgimento de novas modos de expressão que hibridizam os fundamentos das mais diversas linguagens em um mesmo cenário. Ao misturar, pela convergência, aspectos de diferentes tipos de código, as novas mídias fazem surgir o seu próprio sistema de significados, que antes não poderia ser experimentado justamente pela ausência de tecnologias que o suportasse.

Como afirma Pignatari (2008, p.46), “código e linguagem são basicamente uma e mesma coisa, a ponto de podermos dizer que o Português é um código, e o Inglês é outro”. Deste modo podemos admitir que a hibridização de códigos convergentes nas mídias digitais inaugura sua própria linguagem, seu próprio modo de expressão. Um fenômeno que, por si só, revela o modo de propagação do *meme* conforme proposto por Dawkins. Na construção da linguagem das mídias digitais, os significados, sentidos, modos de expressão e formatos que são agradáveis ou populares em outros meios passam a ser “imitados” nos novos meios.

A princípio essa afirmação parece pouco sustentável, porém ao investigar os mecanismos da linguagem, é possível ao menos entendê-la como plausível. Ao tratar da quantificação da informação carregada pelas mensagens, Pignatari afirma que “a ideia de informação está sempre ligada à ideia de seleção e escolha” (2008, p.48). É o processo de escolha entre os elementos disponíveis no repertório de uma linguagem que dota uma

mensagem de informação. “A formação de uma mensagem – uma palavra, uma cadeia de palavras, por exemplo – implica na seleção de sinais de uma certa fonte (alfabeto), numa certa ordem” (PIGNATARI, 2008, p.49). Como estamos diante de um novo meio, que permite a construção de mensagens que mesclam códigos advindos de diferentes sistemas de significação (palavras de qualquer idioma, gírias, imagens, sons, vídeos, animações etc.), estamos diante da possibilidade de fazer escolhas que antes não eram possíveis. Estamos selecionando quais dos *memes* presentes nos repertórios de outros códigos queremos importar para o novo sistema de significação que estamos criando.

A fragmentação das linguagens é um fenômeno há muito admitido pelos linguistas. O que se faz aqui é chamar esses fragmentos de *meme*. Veja, por exemplo, como Roman Jakobson problematiza os diferentes fragmentos das linguagens falada e escrita:

O fluxo da linguagem falada, fisicamente contínuo, colocou em princípio a teoria da comunicação diante de uma situação “consideravelmente mais complicada” do que no caso de um conjunto finito de elementos discretos que a linguagem escrita apresentava. Entretanto, a análise linguística conseguiu resolver o discurso oral numa série finita de unidades elementares de informação. Essas unidades discretas finais, os chamados “traços distintivos”, acham-se agrupados em feixes simultâneos denominados “fonemas”, que por sua vez se desencadeiam em sequências. (2010, p.93)

Essa abordagem de Jakobson dizia respeito ao contexto da Teoria Matemática da Comunicação, proposta em 1948 por Shannon e Weaver. Transmitir a palavra falada seria um problema matematicamente insolúvel caso não fosse possível fragmentá-la em pequenas unidades de informação. Problema que a linguística “resolveu” fragmentando o código da fala em unidades menores chamadas fonemas, do mesmo modo que se fragmenta a palavra escrita em sílabas e letras. Os *memes* são como esses fragmentos.

Essa proposta também encontra respaldo em Ferdinand de Saussure. Sua afirmação “é sincrônico tudo quanto se relacione com o aspecto estático da nossa ciência; é diacrônico tudo que diz respeito às evoluções” (2002, p.96), pode ser extrapolada para a linguagem para compreender-se que ela possui um aspecto sincrônico e um aspecto diacrônico. Grosso modo podemos dizer que o caráter diacrônico se refere a todo o conjunto de regras, sentidos e significados admitidos atemporalmente como componentes de uma língua, por exemplo. Já seu caráter sincrônico se refere a seu uso popular e cotidiano, se refere às seleções que fazemos de sua diacronia para transmitirmos as informações que desejamos. O uso sincrônico

da linguagem a atualiza e a enriquece, podendo fazer com que novos signos sejam a ela incorporados ou que tenham seus sentidos alterados. O *meme* tem sua vez nesse mecanismo sendo imitado a partir do diacrônico, competindo na arena do sincrônico, até que consiga voltar, mais adaptado, à sua origem, fazendo a linguagem evoluir.

4 A INTELIGÊNCIA COLETIVA

O conceito de Inteligência coletiva tem sido aperfeiçoado desde o início do Século XX. Representa a ideia da existência de algum tipo de suporte ou palco para o pensamento e todo o universo simbólico humano. O pensador francês Émile Durkheim foi um dos primeiros a vislumbrar essa possibilidade no início da década de 1910. Ao estudar a relação de tribos aborígenes com suas crenças religiosas ele entendeu que a ideia de religião consiste em uma representação coletiva inerente a uma determinada comunidade, formada a partir de signos comuns a todos. A existência de deus ou qualquer outra representação religiosa só faria sentido se isso fosse um consenso entre todos os envolvidos. Algo exterior e maior que os indivíduos, mas que neles causa impactos.

Em 1940 ao lançar-se ao estudo do *Fenômeno Humano*, o padre católico jesuíta Pierre Teilhard de Chardin também deu sua contribuição a este entendimento. Chardin organizou seu relato sobre a totalidade da existência humana em quatro etapas, sendo elas a Pré-vida, com o aparecimento do Universo e da Terra; a Vida, com o surgimento dos seres vivos e do homem; o Pensamento, um fruto da existência humana; e a Sobrevida, que seria o destino da existência do homem pensante. Especialmente ao discorrer sobre o Pensamento, Chardin faz uma interessante reflexão sobre um possível suporte para ele:

Os geólogos são, há muito, unânimes em admitir a composição em zonas do nosso planeta. Já nos referimos à Barisfera, metálica e central, rodeada pela Litosfera rochosa, a qual, por sua vez, é envolvida pelas camadas fluídas da Hidrosfera e da Atmosfera. A estas quatro superfícies encaixadas umas nas outras, a Ciência habituou-se com razão, desde Suess, a acrescentar a membrana viva formada pelo feltro vegetal e animal do Globo: a Biosfera, invólucro tão nitidamente universal como as outras “esferas”, e mesmo mais nitidamente individualizada do que elas, pois que, em vez de representar um agrupamento mais ou menos frouxo, ela forma uma só peça – próprio tecido das relações genéticas que, uma vez desdobrado e erguido, desenha a Árvore da Vida. (CHARDIN, 1965, p.190)

Após delimitar essas cinco esferas iniciais, já amplamente conhecidas pela Ciência, Chardin retoma a lógica de que a origem do fenômeno humano se deu a partir de algumas etapas, sendo ela, a Geogênese, que consiste na origem da própria Terra; a Biogênese, que representa a origem da vida sobre e Terra; a Psicogênese, que nos leva até a essência do próprio homem; e, finalmente, a Noogênese, que seria a origem de “todos os desenvolvimentos do Espírito (...). Quando, pela primeira vez, num ser vivo, o instinto se avistou no espelho de si próprio” (CHARDIN, 1965, p.189). A partir da ideia da Noogênese, então, ele admite que se faz necessária a inclusão de mais uma esfera para a compreensão do fenômeno humano:

Por termos reconhecido e isolado na história da Evolução a nova era de uma Noogênese, eis-no forçado, correlativamente, a distinguir, na majestosa ordenação das folhas telúricas, em suporte proporcional à operação, quer dizer, uma membrana a mais (...). Em volta da centelha das primeiras consciências reflexivas, os progressos de um círculo de fogo (...). (CHARDIN, 1965, p.190)

Tendo surgido, portanto, a partir da Noogênese, Chardin batiza essa nova esfera que é o suporte para o fenômeno do pensamento humano: “É verdadeiramente uma camada nova, a ‘camada pensante’ (...) que, após ter germinado no Terciário declinante, se expande desde então por cima do mundo das Plantas e dos Animais, fora e acima da Biosfera, uma Noosfera” (CHARDIN, 1965, p.191). Para ele a materialidade da Noosfera é tão evidente e primaz que salta aos olhos, revertendo-se na mais reluzente característica do ambiente humano.

Na verdade, para um geólogo imaginário que viesse, daqui a muito tempo, inspecionar o nosso globo fossilizado, a mais espantosa das revoluções sofridas pela Terra situar-se-ia, sem equívoco possível, no início do que, com toda a razão, chamou-se de *Psicozóico*. E hoje mesmo, para qualquer Marciano capaz de analisar tanto psiquicamente como fisicamente as radiações siderais, a primeira característica de nosso planeta seria certamente o fato de este lhe parecer não como o azul dos seus mares ou com o verde de suas florestas – mas florescente de Pensamento. (CHARDIN, 1965, 192)

Percebe-se que, para Chardin, a ideia de um suporte – quase que material – para o pensamento humano ainda se dava de um modo bastante abstrato e especulativo. Um fenômeno que se percebia, mas sobre o qual não se conhecia os fundamentos. Algumas

décadas mais tarde, no final dos anos 1990 e começo dos anos 2000, essa temática ressurgiu na voz de outros pesquisadores, na forma de um suporte menos material e mais virtual para o pensamento coletivo humano. Essa nova abordagem parece mais coerente com a própria definição de Chardin para o que seria a Noosfera:

Uma coletividade harmonizada das consciências, equivalente a uma espécie de superconsciência. A Terra não só a cobrir-se de miríades de grãos de Pensamento, mas também a envolver-se num único invólucro pensante até formar apenas, funcionalmente, um único vasto Grão de Pensamento à escala sideral. A pluralidade das reflexões individuais a agruparem-se no ato de uma única Reflexão unânime. (CHARDIN, 1965, p. 275)

O que parece ter motivado o ressurgimento, em décadas mais recentes, deste tema com tal abordagem de virtualização foram as novas tecnologias da comunicação.

Nessa linha destaca-se o jornalista americano James Surowiecki (2006), que contribuiu para o entendimento deste fenômeno tratando-o como “a sabedoria das multidões”. Em um livro com esse título ele argumenta que grandes grupos de pessoas invariavelmente agem, decidem e resolvem problemas de um modo melhor e com menor possibilidade de erros do que especialistas individualmente o fariam. Como evidência de sua teoria ele destaca ferramentas tecnológicas como o serviço de buscas na *web* oferecido pelo Google, que utiliza a sabedoria coletiva para determinar quais páginas devem ser oferecidas nas primeiras posições dos resultados das buscas. “Naquele 0,12 segundo, o que o Google está fazendo é pedir a toda a rede que decida que página contém a informação mais útil, e a página que recebe a maior parte dos votos é aquela que aparece no alto da lista” (SUROWIECKI, 2006, p.38). Destaca também como evidência a reação do mercado de ações ao desastre com o ônibus espacial *Challenger*, que explodiu no ar pouco depois de ser lançado em 1986, em que os investidores parecem ter encontrando o verdadeiro culpado pela explosão antes mesmo do fim das investigações oficiais. “Em poucos minutos os investidores começaram a derrubar as ações das quatro principais empresas que tinham participado do lançamento da *Challenge*” (2006, p.28), sendo que uma dessas quatro empresas teve uma queda bem maior do que as demais, ficando claro que o mercado – uma multidão – a julgara como culpada. Seis meses depois a investigação oficial chegou à mesma conclusão sobre qual das empresas havia sido a responsável pelo acidente (SUROWIECKI, 2006).

Por fim, esse pensamento é retomado pelo filósofo franco-tunisiano Pierre Lévy sob o título de *Inteligência Coletiva*. Um dos principais fundamentos do pensamento de Lévy é a percepção de que o ciberespaço e sua cibercultura são permeados por um conjunto de conhecimentos coletivos, que enriquece ao passo em que as pessoas nele interagem.

A inteligência coletiva só tem início com a cultura e cresce com ela. Pensamos, é claro, com ideias, línguas, tecnologias cognitivas recebidas de uma comunidade. Mas a inteligência culturalmente constituída não é mais fixa ou programada como a do cupinzeiro ou a da colmeia. Por meio de transmissão, invenção e esquecimento, o patrimônio comum passa pela responsabilidade de cada um. A inteligência do todo não resulta mais mecanicamente de atos cegos e automáticos, pois é o pensamento das pessoas que pereniza, inventa e põe em movimento o pensamento da sociedade. (LÉVY, 2007, p.31).

Ele caracteriza a inteligência coletiva como “uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências” (LÉVY, 2007, p.29). E reforça que há nela um aspecto que extrapola os interesses do indivíduo, uma vez que “a base e o objetivo da inteligência coletiva são o reconhecimento e o enriquecimento mútuos das pessoas, e não o culto de comunidades fetichizadas ou hipostasiadas” (LÉVY, 2007, p.29).

Em outra obra, intitulada *Cibercultura*, Lévy destaca o papel das novas tecnologias como o suporte dessa manifestação mais recente da superconsciência ou da sabedoria das multidões. “O ciberespaço como suporte da inteligência coletiva é uma das principais condições de seu próprio desenvolvimento” (LÉVY, 2000, p.29). Porém ressalva que “o crescimento do ciberespaço não determina automaticamente o desenvolvimento da inteligência coletiva, apenas fornece a esta inteligência um ambiente próprio” (2000, p.29), restando à interação entre os indivíduos presentes nesse espaço o papel de alimentá-la.

A obra de Lévy ainda deixa clara a perspectiva de que a inteligência coletiva evolui, melhora, e é alimentada pela atuação de todos os indivíduos ligados a ela. Em coautoria com André Lemos ele afirma que:

O progresso da inteligência coletiva não nos leva para um “melhor” já concebido, que seria uma visão eufórica do presente, mas em direção a uma expansão dos espaços de sentido e da liberdade que podem tomar a forma de uma assustadora alteridade, se perdemos a coragem que a atualidade exige, ou seja, a entrada nos novos reinos de liberdade e da responsabilidade planetária e coletiva. (LÉVY; LEMOS, 2010, p.39)

Nesse sentido, precisamos de uma espécie de passaporte ou chave para os “novos reinos” permitidos pela inteligência coletiva. Esta chave não poderia ser outra a não ser o próprio mecanismo que permite a noção da inteligência, mesmo que individual: a linguagem.

5 O MEME COMO LINGUAGEM DA INTELIGÊNCIA COLETIVA

A inteligência coletiva passa a ser, desta forma, a essência dos ambientes virtuais e da própria cibercultura. Não dominá-la ou encontrar-se em defasagem em relação ao seu conteúdo tem como efeito prático a exclusão ou uma espécie de exílio do indivíduo.

Além disso, nos casos em que processos de inteligência coletiva desenvolvem-se de forma eficaz graças ao ciberespaço, um de seus principais efeitos é o de acelerar cada vez mais o ritmo da alteração tecno-social, o que torna ainda mais necessária a participação ativa na cibercultura, se não quisermos ficar para trás, e tende a excluir de maneira mais radical ainda aqueles que não entraram no ciclo positivo da alteração, da sua compreensão e apropriação. (LÉVY, 2000, p.30).

Diante desta necessidade fundamental de atualização a respeito do conteúdo da inteligência coletiva, que muda em “ritmo desestabilizante”, a cibercultura cuidou de criar mecanismos que permitam ao indivíduo sincronizar-se, em tempo, com essas mutações. Um destes mecanismos mais eficientes é certamente um que, imprecisamente, convencionou-se chamar também de *meme*.

O termo *meme* na cibercultura não é aplicado literalmente no sentido proposto por Dawkins, mas sim como um tipo de apropriação de seu sentido amplo para se explicar um fenômeno mais restrito. O *meme* na *world wide web* é um recurso de linguagem que permite que signos muito breves e simples carreguem complexos significados e representem partes importantes da informação consolidada na inteligência coletiva.

A geração e a replicação dos *memes* na *world wide web*, como deduzido a partir da revisão bibliográfica, correspondem a um recurso de linguagem que tem como finalidade ou efeito atualizar rapidamente os membros de uma comunidade sobre o conteúdo da inteligência coletiva ou, mais precisamente, alertar algum usuário sobre sua desatualização em relação aos conhecimentos já assimilados por ela. São como um alerta que permite consolidar a “mobilização efetiva das competências”, conforme proposto por Lévy como a finalidade da inteligência coletiva.

6 AS CINCO ETAPAS DA CONSTRUÇÃO DE UM MEME NA WORLD WIDE WEB: UM MODELO DE ANÁLISE

Sabemos que o *meme* se trata de um fenômeno imprevisível e incontrolável, que acaba por adotar inúmeras formas e caminhos diferentes em sua manifestação. Porém, ao olharmos os *memes* na *world wide web* como um recurso de linguagem, com essa dada relação com a inteligência coletiva, é possível estabelecer para eles um percurso comum. Propomos, então, um modelo de cinco etapas para a análise deste percurso comumente observado na geração e propagação de *memes* na *world wide web*. São elas:

1º) *Identificação de um problema*. Um grupo de usuários ou uma comunidade *online* percebe algum problema, falha, lacuna, inconsistência ou incoerência em algum aspecto da cibercultura. Esse problema pode ser, por exemplo, uma ameaça de fraude, uma informação falsa, uma tentativa de sabotagem, um fato que todos deveriam conhecer, uma competência que se espera que todos tenham etc.

2º) *Solução do problema*. Após discussões *online* em algum ambiente apropriado, como fóruns, *chats* ou redes sociais, o grupo chega à solução para o problema. Essa solução é um conhecimento, uma evolução, que precisa ser incorporada à inteligência coletiva para que novos problemas semelhantes possam ser tratados de maneira parecida, com mais facilidade e rapidez.

3º) *Escolha de uma mensagem que represente a solução*. Para garantir que a solução seja disseminada por toda a comunidade e irreversivelmente incorporada à inteligência coletiva, o grupo seleciona alguma mensagem que esteja muito popular em sua rede, ou que tenha potencial para isso. O conjunto das mensagens viralizadas, que estão sendo compartilhadas por um grande número de usuários, é o repertório, o dicionário, onde serão buscados elementos de significado para compor o *meme*.

4º) *Sintetização do meme*. Ao passo em que essa mensagem começa a ser utilizada para demonstrar a solução encontrada para o problema, ela vai sendo compactada e a cada compartilhamento alguns de seus signos são descartados e outros são destacados. Após

sucessivas replicações apenas a parte da mensagem que efetivamente contém o significado desejado pelo grupo é mantida. Essa parte, ou esse signo, é então abstraído de seu contexto original e passa a ser utilizado pela comunidade no lugar de uma explicação mais elaborada e menos cativante para a solução que ela representa.

5º) *Replicação do meme*. Seja para disseminar a solução (conhecimento) para todo o grupo ou seja para alertar algum usuário sobre sua defasagem em relação a ela, o signo que foi isolado da mensagem original e abstraído de seu contexto passa a ser utilizado para compor novas mensagens, passando a ser parte fundamental do código que a constituem.

A seguir será apresentado um exemplo deste mecanismo de construção do *meme* na *world wide web* para que fique mais clara a compreensão desse fenômeno.

7 É UMA CILADA, BINO!

Conforme listado acima, a primeira etapa da construção do *meme* na *world wide web* consiste na identificação de um problema coletivo. Neste caso o problema identificado são as abundantes e frequentes tentativas de fraudes e golpes, tão comuns nas mídias digitais.

O segundo passo consiste na busca para uma solução para esse problema. Muito se discute sobre o que pode ser feito em termos de regulamentação, fiscalização e controle do ciberespaço para que se evitem esses crimes, porém a cibercultura parece ter se dado conta de que é impossível evitar totalmente tais tentativas, e adotou como solução, pelo menos provisória, a educação dos usuários para que eles não caiam facilmente em tais golpes. A essência da solução está na consolidação na inteligência coletiva de uma competência muito necessária para a sobrevivência dos usuários nas mídias digitais que é a capacidade de identificar tentativas de golpes e fraudes.

No terceiro passo os usuários passarão – aleatória, caótica e desordenadamente – a utilizar mensagens que possam representar essa solução. Não é viável nem desejável que se tente informar, um a um, todos os usuários da *world wide web* sobre a discussão que é feita em torno deste problema e sua eventual solução, uma vez que nem todos estão diretamente interessados nesse tema. Por isso, tais mensagens não terão origem na própria discussão do problema, mas sim no grande fluxo de mensagens sobre temas diversos que estão fluindo pelas *timelines* da rede. Os usuários mais experientes e conscientes, tanto do problema

quanto da solução coletiva, buscarão mensagens que já possuem a atenção de um grande número de usuários para representar essa competência que eles deveriam ter. Inicialmente algumas mensagens serão utilizadas para o mesmo fim, mas em um mecanismo de competição e seleção, aquelas que encontrarem maior afinidade com o ambiente serão mais amplamente compartilhadas (imitadas) e ganharão maior atenção em toda a rede.

Neste caso, uma das mensagens selecionadas para esse fim foi o conteúdo da série televisiva *Carga Pesada*, produzida pela Rede Globo de Televisão. A série foi ao ar inicialmente entre os anos de 1979 e 1981 e ganhou novas temporadas entre 2003 e 2007. Nela os personagens Pedro e Bino, interpretados pelos atores Antônio Fagundes e Stênio Garcia, representavam dois caminhoneiros em diversas aventuras pelo Brasil. Em uma cena que se repetiu em diversos episódios da série, o personagem Pedro alertava seu parceiro, Bino, para alguma armadilha preparada por seus antagonistas com a frase: “– É uma cilada, Bino!”. Como essa frase era muito popular na época do seriado e tinha aderência com o problema comum (abundantes e frequentes tentativas de fraudes e golpes) e a solução proposta pelos usuários da *world wide web* (desenvolver a competência de identificar tentativas de golpes e fraudes), alguns recortes e *frames* de cenas do seriado passaram a ser retirados de seu contexto original e a serem compartilhados como alertas, sempre que tentativas de fraudes ou golpes eram percebidas por usuários mais experientes. A Figura 1 apresenta um exemplo deste uso.

Figura 1: *Frame* de Carga Pesada 2ª versão compartilhado na web



Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/seriados/carga-pesada-2-versao.htm>>. Acesso em: 12 de jun. de 2018.

Nessa terceira etapa cada usuário selecionava sua própria cena aleatoriamente, o que não garantia a unidade de sentido da mensagem e não se tinha ainda o efeito coletivo de seu compartilhamento. Percebe-se que não há aqui uma orquestração ou uma condução de quem

quer que seja para a construção da mensagem ou para que se chegue a um determinado resultado desejado por alguém. A intencionalidade nas redes de usuário na *world wide web* é difusa. Porém, pelos mecanismos de competição e seleção pela imitação discutidos na revisão bibliográfica, algumas escolhas feitas por alguns usuários, se tornam mais populares e passam a aparecer com mais frequência nas trocas de mensagens.

Passamos então para o quarto passo, que é a sintetização do *meme* em busca de facilidade e rapidez de propagação. Nessa etapa inicialmente a mensagem se diversifica e diferentes propostas de sintetização são experimentadas, até que, posteriormente, uma ou outra sobressaia. A cada compartilhamento a mensagem vai se aperfeiçoando. A competição e a seleção fazem com que os signos que mais diretamente representem a solução para o problema coletivo sejam isolados, destacados e imitados por outros usuários. As imagens da Figura 2 apresentam essa experimentação, com a frase “É uma cilada, Bino!” sendo sobreposta a *frames* do seriado, em inglês e em português.

Figura 2: Exemplos de experimentação com os signos da mensagem



Autores desconhecidos. Imagens retiradas da internet.

Por fim, a última etapa da construção do *meme* consiste em sua replicação, já amadurecido, como representação concisa e direta da competência adicionada à inteligência coletiva que ele representa, neste caso, a de identificar armadilhas. No exemplo aqui estudado a exaustiva experimentação e replicação do *meme* levou a criação de uma imagem bastante sucinta, um novo signo simbólico no sentido peirceano, que resume da melhor maneira possível o sentido do problema comum e da solução encontrada pela coletividade, hoje conhecida como “Selo Bino de cilada”. É praticamente impossível saber quem foi o autor desta imagem, mas ela foi amplamente replicada e parece ter sido uma possível “vencedora” da competição para a sobrevivência como *meme* na arena das redes sociais.

Figura 3: *Meme* já sintetizado e amplamente replicado



Autor desconhecido. Imagem retirada da internet.

Quando o *meme* é replicado por meio desta imagem, normalmente colado próximo a mensagens maliciosas que são reconhecidas como tentativas de golpes ou fraudes, os usuários mais desavisados são facilmente e rapidamente alertados de seu descompasso em relação à inteligência coletiva e são convidados à atualização. É como se a comunidade o estivesse alertando: “atenção, é hora de usar sua competência de identificação de fraudes”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Até metade do século XX, o fator responsável pela transmissão da informação genética, o *gene*, era revestido de um certo grau de abstração. Um fenômeno sobre o qual se observavam os efeitos, mas que carecia de materialidade. O desenvolvimento científico e tecnológico permitiu que se desse uma face concreta ao *gene*, na forma das bases nitrogenadas que se combinam no arranjo do DNA. Combinações que, caso gerem características úteis à sobrevivência, tendem a ser passadas adiante para os novos indivíduos da espécie. Com as novas tecnologias, conhecemos parte das informações contidas nessas combinações e como elas se comportam no organismo humano.

Da mesma forma o *meme*, em Dawkins, se revestia de abstração e carecia de concretude. Foi também o desenvolvimento tecnológico mais recente que permitiu a revelação do *meme*, principalmente a partir das novas mídias digitais, onde florescem

ambientes para a formação de redes sociais que, por sua vez, são o maior palco que já existiu para o compartilhamento da cultura e saber do homem. Nesse palco se constrói a inteligência coletiva.

Nas redes sociais da *world wide web* o *meme* se revelou como linguagem, como um signo que atesta que uma determinada informação cultural ou uma competência foi assimilada pela inteligência coletiva. Ali o *meme* ganhou contornos muito bem definidos, com aspectos amplamente observáveis. Parte desses aspectos podem ser compreendidos pelo modelo de cinco etapas aqui proposto.

O *meme* é a expressão visceral da inteligência coletiva, crua, seca e intransigente. Embora impreciso e inconclusivo, seu compartilhamento expõe de modo tão convicto a informação cultural ou competência que pretende significar que chega a constranger aqueles que não estão familiarizados com ele. Não entender de imediato o sentido de um *meme* revela um descompasso ou uma falta de atualização em relação à inteligência coletiva e nos impele à ação.

REFERÊNCIAS

- CHARDIN, Pierre Teilhard de. **O Fenomeno Humano**. São Paulo: Herder, 1965.
- DARWIN, Charles. **A origem das espécies**. São Paulo: Escala, 2009.
- DAWKINS, Richard. **O Gene Egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. 22.ed. São Paulo: Cultrix, 2010.
- LÉVY, Pierre. **A inteligência Coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 5.ed. São Paulo: Loyola, 2007.
- _____. **Cibercultura**. 2.ed. São Paulo: 34, 2000.
- LÉVY, Pierre; LEMOS, André. **O Futuro da Internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária**. São Paulo: Paulus, 2010.
- PIGNATARI, Décio. **Informação, Linguagem, Comunicação**. 3.ed. Cotia: Ateliê, 2008.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 24.ed. São Paulo: Cultrix, 2002.
- SUROWIECKI, James. **A Sabedoria das Multidões**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

The meme as language of the collective intelligence

ABSTRACT

Meme is a common communication format in the world wide web that combines text and simple images in short messages almost always with a humorous tone. Among its characteristics is the ability to propagate very quickly. This article looks at the origin of this expression and its use to denominate this phenomenon in the world wide web. Based on a bibliographic review characterizes the *meme* as a language resource based on the simplification and abstraction of meanings, and investigates its function as a path of knowledge already incorporated by collective intelligence. Finally, it proposes a commonly identifiable five-step approach to building a meme on the world wide web, which is demonstrated from the case study of the *meme* "It's a trap, Bino!".

Keywords: Meme. Socialmedia. Collective intelligence, Language.

El meme como lenguaje de la inteligencia colectiva

RESUMEN

Meme es un formato de comunicación común en la *world wide web* que combina texto e imágenes simples en mensajes cortos y casi siempre en tono de humor. Entre sus características está la capacidad de propagarse muy rápidamente. Este artículo busca comprender el origen de esa expresión y el modo en que se emplea para denominar ese fenómeno en la *world wide web*. Con base en una revisión bibliográfica caracteriza al *meme* como un recurso de lenguaje basado en la simplificación y abstracción de sentidos, e investiga su papel como demarcador de conocimientos ya incorporados por la inteligencia colectiva. Por último, propone un enfoque de cinco etapas comúnmente identificables en la construcción de un *meme* en la *world wide web*, que se demuestra a partir del estudio de caso del *meme* "Es una trampa, Bino!".

Palabras clave: Meme. Redes sociales. Inteligencia colectiva. Lenguaje.

Recebido em: 15/01/2019

Aceito em: 17/06/2019